

IMPRESSOS NO PARÁ: coleta de dados através de análise do Almanak – Administrativo, Mercantil e Industrial

Fernanda de Oliveira Martins¹
Escola Superior de Desenho Industrial –ESDI/UERJ
fernandaforminform@gmail.com

Guilherme Cunha Lima²
Escola Superior de Desenho Industrial –ESDI/UERJ
gecunhalima@globocom

Edna Oliveira Cunha Lima³
Pontifícia Universidade Católica – PUC-RJ
ednacunhalima@gmail.com

Resumo: O presente artigo se insere na pesquisa Impressos no Pará no século XIX entre 1821 e 1910– da Madeira à borracha. Para compreender o cenário da produção gráfica e referências visuais gráficas produzidas no Estado, além de analisar os produtos gráficos, é necessário conhecer os profissionais envolvidos na sua produção. O fato de que os profissionais ligados a estas atividades raramente são mencionados nas publicações, do longo intervalos de tempo entre sua produção e a pesquisa e dos acervos encontrarem-se dispersos entre muitas instituições são algumas das dificuldades encontradas na pesquisa. Para suplantando essa questão buscou-se um método que permitisse identificar em publicações personagens importantes. A partir da análise de Almanques comerciais que integram a coleção da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional foi possível identificar profissionais e o número de vezes que são citados, como uma forma quantitativa de avaliar sua importância.

Palavras-chave: História do Design, História da Tipografia, impressos, Pará, Memória Gráfica Brasileira

Abstract: *To better understand the printing scenario in Pará in the nineteenth century is necessary to know the professionals involved in their production. Besides the difficulty of the temporal distance of collections, professional activities related to printers are rarely mentioned. To overcome this difficulty we sought a method that would allow to analyze and identify important characters in publications. From the analysis of commercial Almanacs that integrate the collection from National Digital Newspaper Library of Biblioteca Nacional it was possible to identify*

¹ Doutoranda em Design, Escola Superior de Desenho Industrial

² Doutor em Design Gráfico, University of Reading e Coordenador de Pós-graduação em Design ESDI/UERJ

³ Doutora em Comunicação ECO/UFRJ

profissionais and the number of times they are cited in a quantitative way to assess their importance.

Keywords: *Design History, Typography History, printing, Pará*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere na pesquisa Impressos no Pará no século XIX – da Madeira à borracha que visa investigar a produção gráfica e referências visuais gráficas produzidas no Estado do Pará, entre 1821 e 1910. Para tanto, entre suas atividades realiza levantamento histórico de impressos e produtos gráficos da época: tipografias, projetos, processos, técnicas assim como dos profissionais relacionados: tipógrafos, impressores, editores, desenhistas, litógrafos e gravadores.

Uma das dificuldades encontradas tem sido identificar os atores envolvidos, os profissionais ligados à produção do material impresso que circulou no período, e determinar qual seria sua relevância no estudo que se pretende realizar. Ao pesquisar o acervo digital da Biblioteca Nacional foi localizado um conjunto de Almanques impressos no Pará. São 4 edições, dos anos de 1868, 1869, 1871 e 1873. Neste artigo a intenção foi estabelecer um método que possibilite não apenas a identificação de profissionais como permita determinar sua relevância na época.

É importante notar que o período da publicação dos almanques se insere nos momentos iniciais do ciclo da Borracha, que ocorreu mais fortemente na região entre 1870 e 1914. Representam, portanto, documentos primários que revelam informações importantes sobre este momento e nos permitem avaliar de que forma as fortes mudanças econômicas influenciaram o surgimento das novas tecnologias de impressão e o aparecimento de novos empreendimentos na área.

A História tradicional, *événementielle*, baseada em fatos, documentos oficiais e personalidades de destaque na história política, ao voltar-se para os documentos impressos como jornais e livros dedica-se a analisar seu papel na transmissão das idéias, tratando dos redatores e editores. Ao pesquisar a tipografia do século XIX no Pará a tentativa é uma compreensão mais ampla, a partir da “história vista de baixo”, incluindo não apenas dos produtores de texto mas daqueles que configuram o produto impresso como tipógrafos, litógrafos e gravadores. A invisibilidade desta área, geralmente executada pelos cidadãos da classe menos favorecida da sociedade, fica patente se compararmos o volume das pesquisas as Belas Artes – via de regra praticada pela classe abastada-, às dedicadas a tipografia e artes gráficas.

A coleta de dados esbarra em diversas dificuldades por se tratar de impressos da vida cotidiana, material efêmero rapidamente descartado. O material arquivado encontra-se esparsos em diversas instituições o que dificulta sua reunião, os profissionais não são citados e raras vezes assinam suas peças; no caso da imprensa (aqui entendida como o ato de imprimir) as pesquisas da área geralmente tratam da história do jornalismo. Face a exposto, foi através de um método quantitativo na

análise dos Almanques que procuramos cumprir nosso objetivo de identificar atividades, profissionais e avaliar sua relevância.

Métodos qualitativos são pouco utilizados em pesquisas históricas e nem sempre bem aceitos. Para Peter Burke (1998) este tipo de análise tem gerado controvérsias. Tradicionalmente adotado para o estudo de fenômenos econômicos, passou a ser utilizado em estudos históricos a partir da década de sessenta suscitando muitas discussões. Para este historiador, a questão do está menos no tipo de análise e mais na adequação da metodologia aos propósitos da pesquisa.

A maior – e mais controvertida – inovação no método na última geração certamente foi o crescimento e a difusão de métodos quantitativos, às vezes ironicamente descritos como “Cliometria”, ou seja, a estatística vital da deusa da história. É claro que a abordagem é uma das mais antigas entre os historiadores econômicos e os demógrafos históricos. O que é ou foi novo, foi sua difusão nos anos 60 e 70 para outros tipos de história. (BURKE, 1998, p.29)

Levando-se em conta as observações e o material selecionado, construímos um método de análise que parte de dados quantitativos relacionando personalidades citadas em listas e anúncios, atividades profissionais e a frequência com que aparecem em setores específicos, selecionados nas publicações estudadas. A intenção, em nosso caso, não é identificar personalidades especiais, gênios ou líderes mas sim “homens comuns” que chegam a Belém a partir de 1858 e sua representatividade ao longo do tempo.

O primeiro passo foi o levantamento das áreas ligadas a atividades gráficas ou afins existentes nos manuais. Em seguida, anotou-se os nomes constantes em cada atividade e em cada edição construindo uma tabela que tornasse possível visualizar as alterações ao longo dos anos. Desta forma, partir da análise do número de ocorrências, foi possível avaliar de forma comparativa as diferenças entre entradas por ano e entre diferentes setores. Este método permitiu também avaliar a importância de alguns personagens e identificar novos, até então não relacionados na pesquisa.

2. O ALMANAK – ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL

A Biblioteca Nacional possui digitalizados em sua Hemeroteca Digital quatro exemplares do *Almanak – Administrativo, Mercantil e Industrial* editado por Carlos Seidl no Pará. As edições correspondem aos anos de 1868, 1869, 1871 e 1863.



Figuras 1 e 2 – Capas de Almanques 1868 e 1869 – col. Biblioteca Nacional. reprodução: Fernanda Martins

Apesar do curto espaço de tempo entre o primeiro e o último exemplar, seis anos, o período é relevante por se tratar do início da expansão econômica da província do Pará, que se deu em consequência de dois fatores importantes: a abertura dos portos da Amazônia e a valorização da borracha que, ainda em forma bruta, se tornará o principal produto exportado da Amazônia até princípios do Século XX.

A navegação comercial pelos rios amazônicos foi autorizada apenas em 1853 e exercida inicialmente apenas por uma empresa, a Companhia de Navegação e Comércio do Rio Amazonas do Barão de Mauá. A abertura se deu efetivamente em 1867, após a assinatura imperial do Decreto 3.749, de 7 de dezembro de 1866 que determina a abertura dos Portos da Amazônia às nações amigas.

Em relação à borracha, desde a descoberta da vulcanização por volta de 1830, já existia o comércio de produtos emborrachados no Pará, configurando uma pequena indústria, os produtos chegavam prontos, eram emborrachados e retornavam à Europa. Segundo Warren Dean em seu livro, *A luta pela borracha no Brasil*, “por volta de 1839 Belém exportava 450 000 pares de sapatos feitos de Seringa”, como era chamado no Brasil o látex a partir de sua utilização mais conhecida. Porém, foi a exportação da borracha bruta que causou a grande transformação na região:

A borracha logo se tornou o material preferido para a confecção de gaxetas para máquinas a vapor. Assim, essa matéria prima obscuramente obtida acompanhou o ferro e o aço onde quer que se instalassem máquinas industriais, bombas de minas, e ferrovias. A Borracha também era essencial nas correias e tubos de máquinas, assim como nos parachoques de entre os vagões das composições ferroviárias. Em 1830 a Grã-Bretanha importou 211 quilos de borracha bruta, em 1857, 10.000 quilos; e em 1874 com a borracha começando

a ser aplicada em fios telegráficos, a importação pulou para 58.710 quilos. (DEAN, 1989, p.32)

Os almanaques de Carlos Seidl, que circularam neste período de transformação, são, portanto, testemunhas de uma época. No texto de abertura, o editor nos informa da importância de um almanaque e compartilha seus objetivos e as dificuldades que encontra no percurso.

Para uma cidade civilizada e de certa importância no mundo commercial, não há talvez publicação alguma de tanta utilidade pratica como a de um Almanach;—é o livro que tem de andar por todas as mãos e de ser consultado quotidianamente por todos os homens activos, laboriosos e intelligentes que sabem economisar o trabalho que é vida, e o tempo que é dinheiro. (SEIDL, 1871, p. V)

Compreende-se facilmente que para se dar um Almanach este valor real, —o de poupar o tempo e o trabalho á quem a consulta — é preciso dotá-lo com uma avultada somma de informações e esclarecimentos exigidos pelas necessidades mais urgentes de cada leitor; mas também se comprehende quão difficil é obterem-se estes elementos que versam sobre tantos e tão diversos interesses e condensá-los em um livro que, por sua natureza e para commodidade dos leitores, deve ser o menos volumoso possível. (SEIDL, 1871, p. V)

Através de sua fala é possível avaliar a percepção do editor sobre a cidade naquele momento, e as dificuldades que encontra para executar seu objetivo. Os almanaques trazem informações úteis ao leitor tais como datas importantes, fases da lua, dias santos, festas, feriados, descreve também todos componentes da casa imperial, da administração publica, instituições civis, religiosas, militares, companhias comerciais, colégios, comércio, capitalistas, profissões e indústria. Ao final oferecem uma série de páginas de anúncios. Percebe-se desde o início a presença de imagens junto ao texto. Nas duas primeiras edições há uso de vinhetas tipográficas, como imagens dos signos do zodíaco, na tabelas dos dias dos santos e nos anúncios. A partir da edição de 1871 são inseridos retratos em litografia.

Para a realização da análise proposta selecionou-se nas quatro edições as categorias ligadas às artes ou artes aplicadas. Assim, no primeiro almanaque temos as seguintes entradas: Professores de Desenho/Pintores de paisagens e retratistas/Arquitetos/Encadernadores/Escultor e entalhador/ pautadores/ tipografias/periódicos.

Nota-se algumas alterações da primeira edição (1868) para a segunda (1869), sendo a mais importante o surgimento da categoria *fotógrafo*, encontrada junto a *pintores e retratistas* na edição de 1868, e que se torna uma categoria independente a partir da segunda (1869). Já a categoria *litógrafos*, aparece pela primeira vez na terceira edição, de 1871. E muitas variações de número de profissionais: *Escultores e entalhadores* aparecem apenas nas edições de 1868 e 1869 (1ª e 2ª), não sendo citados nas edições seguintes. As entradas referentes aos *arquitetos*, apresentam uma

INDUSTRIA	1868	1869	1871	1873
Archivos e fotografias	266 (276) Commercial—Antônio José Ribeiro Guimarães, r. Formosa, canto de Irindão passinho			
	Da Estrela do Norte—Frederico Carlos Rhossard, tr de S. Mathes	Da Estrela do Norte, na qual publicava-se o jornal do mesmo nome, propriedade do Exm. e Rvm. Sr. bispo diocesano.	Da Estrela do Norte, na qual publicava-se o jornal do mesmo nome, propriedade do Exm. e Rvm. Sr. bispo diocesano.	Da Estrela do Norte, na qual publicava-se o jornal do mesmo nome, propriedade do Exm. e Rvm. Sr. bispo diocesano.
INDUSTRIA - 253 (263)	Do Jornal do Amazonas—Tr. das Mercês, de Santos & Irmãos, estr. de S. José	Do Jornal do Amazonas, tr. das Mercês, 23.	Do Jornal do Amazonas, tr. das Mercês.	Do JORNAL DO AMASOIAS—tr. das Mercês
Encadernadores		Do Diário de Belém, r. Nova de Sant'Anna, 44. Carlos Seiditz & C.ª. De Nova de Sant'Anna, propriedade de Santos & Irmãos. F. Mendel de Costa Junior, r. Formosa. Do Diário do Pará, propriedade de Santos & Irmãos. Carlos Rhossard, tr. de S. Mathes.	Do Diário de Belém, r. Nova de Sant'Anna, 44. Do Jornal do Pará, propriedade de Santos & Irmãos, r. de S. João Do Diário do Gram-Pará, propriedade de Frederico Carlos Rhossard, tr. de S. Mathes	Do Diário de Belém, r. Nova de Sant'Anna, 44. JORNAL DO PARA - propriedade de Santos & Irmãos, r. Formosa. F. Mendel de Costa Junior, r. Formosa. Do DIÁRIO DO GRAM-PARÁ, propriedade de Frederico Carlos Rhossard, tr. de S. Mathes.
		Commercial, propriedade de Francisco de Costa Junior, r. Formosa.	Commercial, propriedade de Francisco de Costa Junior, r. Formosa.	COMMERCIAL—propriedade de Francisco de Costa Junior.
Officina Lithográfica				Theophilo & K. B. F. & da Industria e Typographica, propriedade de Theophilo Kuller, r. MEYER.
Escultor e enlaidor.		André Verdini, (no Hotel d'Italia) r do Imperador		REPUBLICANA - Propriedade do Dr. Joaquim José de Assis, r. do Espírito Santo, canto de Irindão devereiro.
Enlaidor				do SANTO OFFICIO - de S. Galvães. Carlos Seiditz & C.ª, r. Nova de Sant'Anna. da TRIBUNA—propriedade de capitão Marcelino José Mendes Antônio Ribeiro, tr. do Pelourinho
		Carlos Seiditz & C.ª, r. Nova de Sant'Anna Levinio Antônio Ribeiro, tr. do Pelourinho		

Tabela 2 – Enta

Fontes: Elaborada

photographs - 244

A par

todas as ediç

do Almanaqu

na pesquisa realizada

em identificar person

agente, pintor, e o C

o encadernador e pa

Diário do Gram-Pará—jornal diário, político e commercial, proprietário e principal redactor Frederico Carlos Rhossard.

Jornal do Amazonas—jornal diário e político, editor Raphael Valente da Costa.

Jornal do Pará—diário e órgão official, proprietários Santos & Irmão.

O Commercial—diário politico e commercial, propriedade dos typographos, editor Mariano Olympio de Almeida.

Estrela do Norte—jornal dedicado aos interesses da religião e publicado sob os auspícios do Exmo e Rvm.º Sr. Bispo Diocesano.

O Phenol-jornal litterario, dado á luz pelo Club Scientifico, sahe 2 vezes por mez.

Diário de Belém, jornal diário, politico, noticioso e commercial, órgão do partido conservador, editor Manoel Joaquim Maria Osório.

Diário do Gram-Pará, jornal diário, politico, noticioso e commercial, órgão do partido conservador, proprietário e principal redactor Frederico Carlos Rhossard, editor Juvenio Manoel do Espírito Santo.

Jornal do Amazonas—jornal diário e político, noticioso e commercial, órgão do partido liberal, editor Raphael Valente da Costa.

Jornal do Pará—diário e órgão official, proprietários Santos & Irmão.

O Commercial—diário politico e commercial, propriedade dos typographos, editor Mariano Olympio de Almeida.

Diário de Belém, jornal politico, noticioso e commercial, órgão do partido conservador, editor Manoel Joaquim Maria Osório.

O liberal do para—jornal politico, noticioso e commercial, órgão do partido liberal, impresso na typographia do extinto Jornal do Amazonas.

BOA NOVA—órgão dos interesses catholicos, publico-se nas quartas-feiras e sabbados.

profissionais como Carlos Wiegandt, inaugura uma categoria importante para a pesquisa - a litografia, citada a partir da terceira edição (1871). Vicente Sales (2001, p.) nos conta que Wiegandt chega ao Pará em 1870 aos 27 anos, vindo de Recife onde chegara um ano antes.

Professor João Carlos de Figueiredo, retratista do imperador Pedro II.	Constantino Pedro Álvares da Matta, pintor histórico e retratista do imperador.	Constantino Pedro Álvares da Matta, pintor histórico e retratista do imperador.	Constantino Pedro Álvares da Matta, pintor histórico e retratista do imperador.

Ao mesmo tempo que temos a entrada da atividade litográfica nesta edição, uma novidade é anunciada, uma nova seção sobre personalidades ilustres traz uma estampa litográfica. Os impressos observados deste período não contam com imagens que não sejam clichês tipográficos comprados de fornecedores do exterior adaptadas à necessidade do momento e que, portanto, não representavam imagens locais. A possibilidade da impressão litográfica permitiu a produção de imagens para uso específico ao assunto tratado, elaboradas em paralelo ao texto e se relacionando a ele.

[illegible]

Tabela 3 – categoria

Fonte: Elaborado
Periódicos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de fontes secundárias.

[illegible]

Colofon
NOTA—Os annuncios deste Almanach forao
impressos na Typ. De Kallikoff por Casimiro de
Silveira Guimaraens
N. DA EDICÃO
1873

Jacinto Francisco Coelho

Para melhor visualização das informações retiradas do almanaque, foi elaborado um gráfico comparativo da presença de cada atividade entre as diferentes edições e que permite constatar de forma inequívoca a relação entre o número das empresas ligadas à arte impressa e sua importância a medida que avança o período de maior desenvolvimento econômico propiciado pela economia da Borracha.

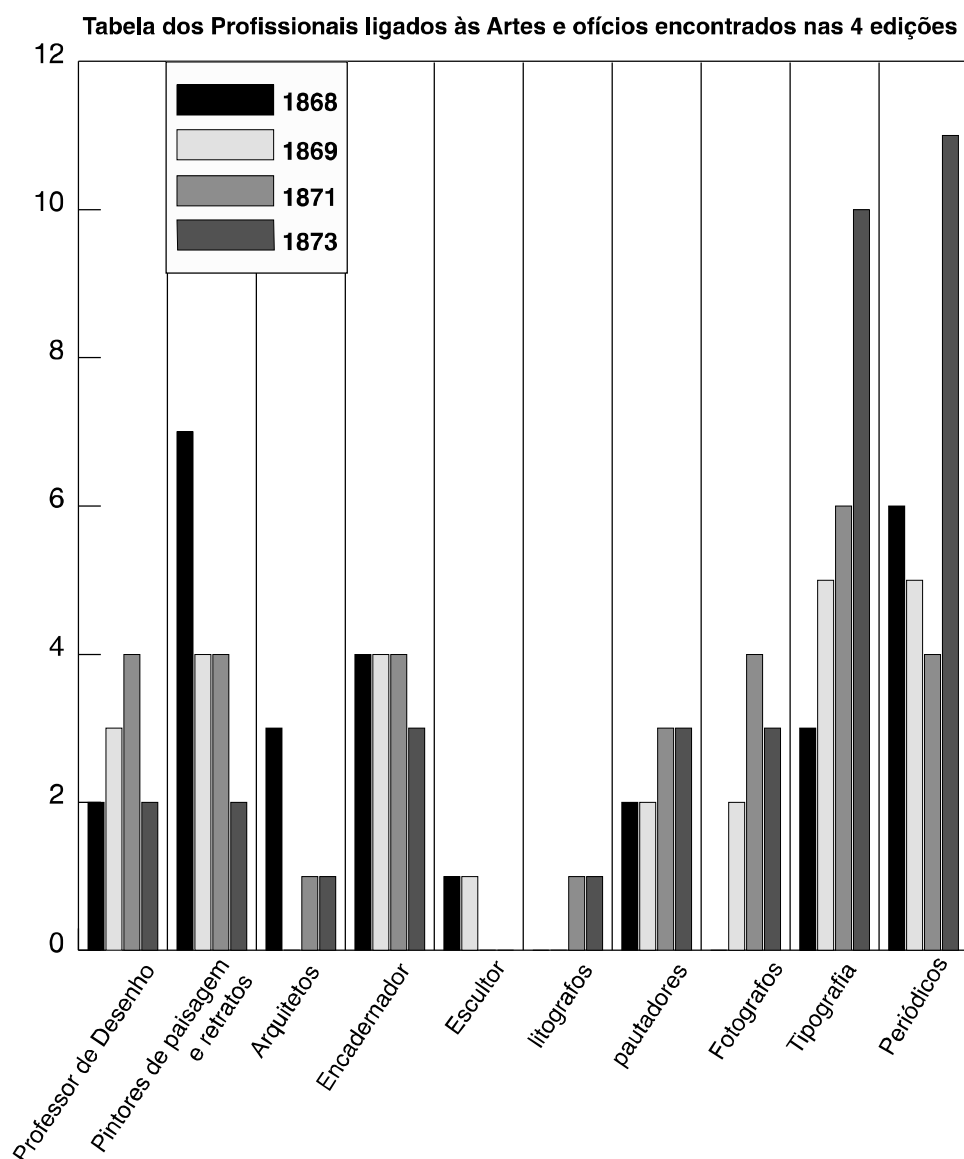


Gráfico 1 – Comparação das profissões ao longo das 4 edições

É importante notar que todos os almanaques foram impressos no Maranhão, sendo que apenas na edição de 1873 encontra-se uma observação informando que os anexos dos anúncios foram impressos no Pará. Neste mesmo anexo, Seidl se apresenta como vendedor de equipamentos para tipografia, e ainda comercializando material para escrita, arquitetura e também livros. Uma vez que o editor, Carlos Seidl

não consta entre os profissionais listados na categoria das *tipografias* esta informação nos leva a concluir que este não era um tipógrafo ou proprietário de uma oficina mas um empresário capitalista. Infere-se também que o estado do Maranhão era prestador de serviços para o estado vizinho, provavelmente por apresentar vantagens financeiras ou mesmo técnicas, sendo eleito para o trabalho mesmo levando em consideração as distâncias a serem percorridas. E para permitir maior espaço de tempo para a captação de anúncios os mesmos eram impressos em Belém e anexados ao final do caderno. Isto nos permite encarar a possibilidade da existência de uma classe capitalista local, com visão mais empresarial que no ofício, atuando onde a possibilidade de ganho fosse mais favorável.

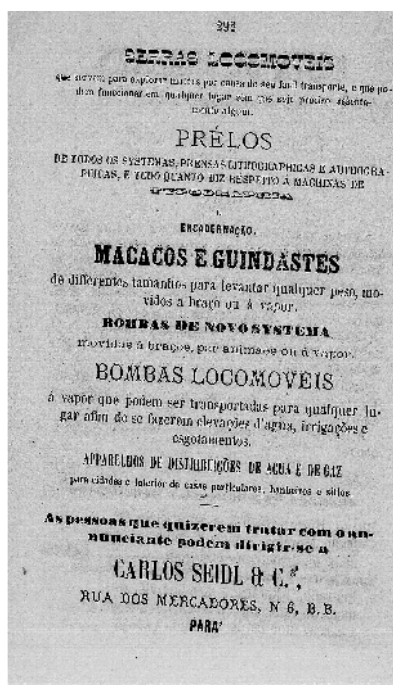
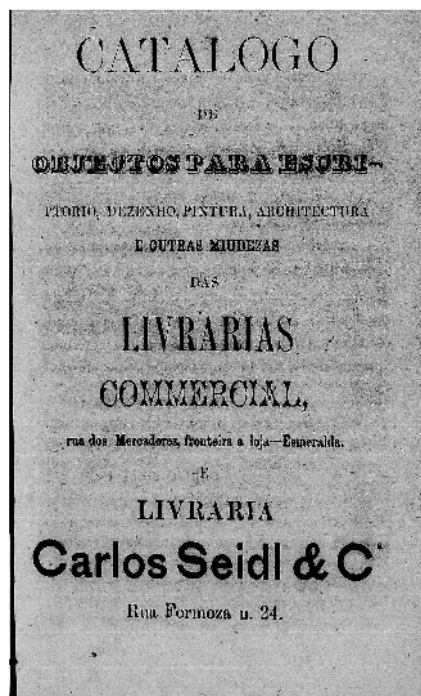


figura 4 e 5 - Anúncio almanaque de 1873 (esq) e página 302 da edição de 1868 (dir)
Col. Biblioteca Nacional. reprodução: Fernanda Martins

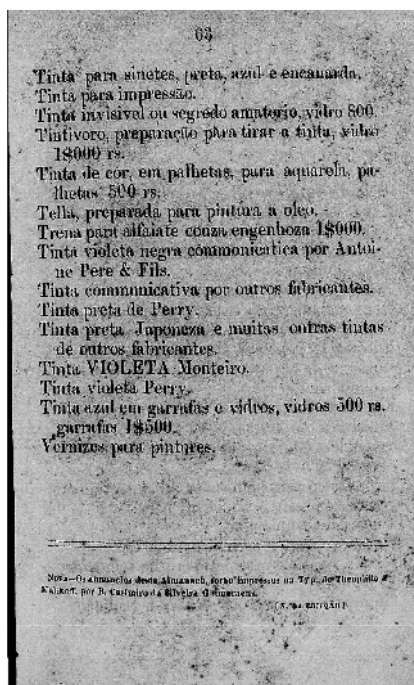


figura 6 – última pagina da edição de 1873, nota-se a informação que apenas os anúncios foram impressos no Pará. Col. Biblioteca Nacional. reprodução: Fernanda Martins

3. CONCLUSÃO

Através da organização de dados selecionados nos Almanques é possível observar ao longo das edições o decréscimo nas profissões manuais como desenhistas e pintores e aumento das atividades industriais ligadas às artes gráficas. O crescimento mais representativo é de tipografias e jornais. Ocorre não apenas o aumento em número de profissionais atuantes e empresas como também surgem novas categorias. Verifica-se o afluxo de profissionais estrangeiros à região

A análise nos mostra que o empresário Carlos Seidl, editor dos Almanques, era capaz de atuar em diversas atividades, muitas delas novas na época: livraria, papelaria, pautador, encadernador, oferecer serviços de impressão e litografia e ainda, atuar no comércio de máquinas. Com isso verifica-se o surgimento de empresários na área gráfica com uma atuação complexa que vai da produção à comercialização tanto de sua produção própria como de terceiros. Além disso Seidl, não imprimiu os Almanques em Belém e sim no Maranhão onde já existia maior oferta de serviços gráficos, demonstrando sua capacidade de atuação em âmbito regional e a existência de troca de serviços entre as províncias vizinhas.

Também é possível identificar a chegada de profissionais estrangeiros como o pioneiro litógrafo alemão Carlos Wiegandt ao Pará. O pesquisador Vicente Salles (2001) nos conta que Wiegandt chegara a Belém em 1870 com poucos recursos. Wiegandt é citado na edição de 1871, não apenas na categoria profissional da litografia mas também como autor de uma estampa. Seidl (1871, p.VIII), o editor do Almanaque, anuncia como grande novidade a inauguração da seção ilustrada sobre personagens nacionais importantes. Ao que tudo indica, é o início de parceria com o litógrafo. A inserção da técnica da litografia que ocorre com sua chegada exemplifica como a ampliação econômica que comércio da borracha propiciou estimulou não

apenas a chegada de novos profissionais como também permitiu a melhoria tecnológica e a transformação do produto gráfico.

A metodologia quantitativa escolhida para esta análise mostrou-se válida, ao favorecer uma melhor compreensão do momento histórico gráfico do Pará no intervalo entre 1868 e 1873. Permitiu compreender como avanço tecnológico que profissionais nacionais e estrangeiros trouxeram ao fixarem-se no Pará, avanço este que levou a transformações na visualidade de um período, como na introdução das estampas nos impressos. Foi importante para abrir novas perspectivas à pesquisa ao destacar profissionais atuantes que merecerão pesquisas mais aprofundadas, a exemplo de profissionais como Carlos Wiegandt e Carlos Seidl, que merecerão pesquisas mais aprofundadas. A investigação sobre constituição das empresas identificadas, como também a entrada de maquinários, seguramente contribuirão para o aprofundamento da pesquisa.

Esta pesquisa se desenvolve com o apoio da FAPERJ.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. A escrita da História – novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil: um estudo da história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.
- GREGORIO, Vitor Marcos. O progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX. Nova econ., Belo Horizonte, v.19, n.1, Apr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 25 Nov.2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512009000100008>.
- _____, Vitor Marcos. Águas proibidas - A abertura da navegação no Rio Amazonas aos barcos de nações amigas enfrentou ameaças e o medo de invasões in Revista de História da Biblioteca Nacional, 1/4/2012
- MEIRELLES, João Carlos de Souza. Livro de Ouro da Amazônia, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- LIMA, Edna Lucia Cunha ; FERNANDES, L. P. . Inovações tecnológicas e o estabelecimento da indústria gráfica brasileira no século XIX. In: Anais do III Congresso Internacional de Design de Informação. Curitiba: SBDI, 2007.
- LIMA, Edna Lucia Cunha. Cinco décadas de litografia comercial no Recife: Por uma história das marcas de cigarros registradas em Pernambuco, 1875-1924 . Dissertação (mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes, 1998.
- SALLES, Vicente. Marxismo, socialismo e os militantes excluídos. Belém: Paka-tatu, 2001
- SEIDL, Carlos ALMANAK Administrativo Mercantil e Industrial. Pará: [s.n.]. Edições de 1889, 1870, 1871 e 1873. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial/705985>>. Acesso em: 26 nov 2013.

